



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS - TERRITORIALIDADES DE AFIRMAÇÃO DE ANCESTRALIDADE AFRICANO-BRASILEIRA**

Magnaldo Oliveira dos Santos

Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
magno.ssa.ba@gmail.com

### **Resumo:**

O presente trabalho tem como tema Religiões de Matrizes Africanas - territorialidades de afirmação de ancestralidade africano-brasileira. De forma mais ampla, pretende evidenciar a relevância das religiões de matrizes africanas na afirmação da ancestralidade africano-brasileira. De modo mais específico, busca identificar as religiões de matrizes africanas como instituições catalisadoras, aglutinadoras e reorganizadoras dos grupos negros na luta e resistência pela liberdade civil-religiosa no Brasil, destacar as religiões de matrizes africanas como instituições de reelaborações da identidade africano-brasileira e evidenciar religiões de matrizes africanas como territórios de afirmação da ancestralidade na reafirmação da identidade africano-brasileira. Deseja-se ainda trazer a discussão sobre as comunidades-terreiro como espaços de afirmação dos valores civilizatórios africano-brasileiros e territorialidades gestadoras, dos primeiros embriões, que deram sentido e forma aos movimentos negros, como demais formas de movimentos, sejam artísticos, musicais, ético-estéticos, entre outros.

Palavras-chaves: Religiões de matrizes africanas; identidade; ancestralidade.

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo, dentro das possibilidades estruturais do texto, tem por objetivo apresentar uma abordagem sobre as religiões de matrizes africanas, destacando sua importância na alteração dos rumos e nas transformações sócio-históricas que ocorreram no Brasil, desde o período da escravidão dos povos negros, até os tempos presentes, inscrevendo-se como instituições não só representativas da fé, como também fundamentais na coesão, reorganização, e razão de existir e resistir de tais povos, frente às situações extremas de sobrevivência.

Buscamos apresentá-las também como instituições não só suficientemente capazes de reaver aos povos negros suas verdadeiras identidades, como também de enaltecê-las, possibilitando suas elaborações e novas reelaborações, em um contexto de negação, denegação e massacre das mesmas e dos valores linguísticos, culturais, e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

especialmente, religiosos, dos povos africano-brasileiros.

As religiões de matrizes africanas e suas respectivas comunidades-terreiro são concebidas e se destacam como territórios concretos e simbólicos de ancestralidades dos povos negros. Elas são responsáveis pela preservação, reelaborações e reconstruções das memórias e dos valores ancestrais presentes no Brasil.

Pautados nessas questões, abordamos as noções sobre religiões de matrizes africanas respaldados também em personalidades importantes, não só para aqueles que delas fazem parte, como também de representatividade sócio-acadêmicas e nos teóricos propriamente ditos, tais como: Makota Valdina Pinto (1996), Carneiro (1967). No que se refere às noções de identidade nos embasamos em Verger (1997, 2000), Mãe Stella de Azevedo (2001) e Loureiro (2004). Em relação à ancestralidade trabalhamos a partir de Ferreira (2001), Munanga (1994), Souza (2003), Souza; Souza (2000) e Santos (2005).

Por fim, apresentamos as comunidades-terreiro como espaços de afirmação dos valores civilizatórios africano-brasileiros e territorialidades gestadoras, não só dos primeiros embriões, que deram sentido e forma aos movimentos negros, como demais formas de insurgências, sejam artísticas, musicais, ético-estéticas, entre outras.

## **1. RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS: PARA ALÉM DA FÉ, A COESÃO E REORGANIZAÇÃO DOS POVOS NEGROS NO BRASIL**

### **1.1 A Fé dos Povos Negros Transformando o Novo Contexto Histórico**

A presença dos povos negros no Brasil começa a partir da segunda metade do século XVI segundo os documentos oficiais sobre o tráfico negreiro e as obras de Luz (1995), Verger (2002), Fonseca Júnior (1993), Mendonça (1948), etc.

O tráfico e a escravidão dos povos negros, desde África, não se deram sem recusa. As resistências e lutas dos povos africanos se caracterizaram pelas mais variadas formas de enfrentamentos, de acordo com os contextos as quais estavam inseridas, todavia, no Brasil, muitos levantes, motins e conspirações fracassavam, pois, variadas foram às razões para tais. A intersecção (mistura) de diversos povos de diferentes regiões do continente africano, pelo menos a princípio, foi bastante significativa para a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

indução desses fracassos. “[...] A mistura de etnias atrapalhou bastante as alianças entre os negros com fins conspiratórios [...]” (LOBO, 2008, p. 166). A confluência das mais diversas etnias tentando sobreviver num espaço e ambiente limitado e hostil obrigava-os a concorrer pelo alimento, espaço, posição e pela própria sobrevivência, o que implicava em rivalidades e acirramentos de conflitos.

A “mistura” étnica e a dissolução dos grupos de pertença dos indivíduos trazidos na condição de escravizados era algo muito bem arquitetado pelo sistema escravista que dentre outros objetivos visava à fragmentação dos grupos, o enfraquecimento do povo negro e a falta de união e organização em torno de interesses comuns. Esse fator foi bastante decisivo na determinação do rumo que seguiu a história das insurreições e revoltas dos escravizados nos diversos períodos e em todo território nacional. Surgiram vários quilombos no Brasil e nas Américas como oposição ao perverso sistema de escravidão. Hoje, os poucos existentes são considerados territórios de sobrevivência cultural e às vezes também espaços de preservação étnico-linguísticos, o que já é por si só muito significativo.

No que diz respeito às religiões de matrizes africanas nesses processos, elas foram e são significativas na construção de laços de solidariedades e ideologias comuns.

Contudo, apesar da negação sistemática dessas crenças, as religiões africanas puderam sobreviver no exílio porque, como sistema de crenças, foram reelaboradas e reproduzidas como um mecanismo ideológico no qual se fundamentaram, em parte, as próprias lutas de liberdade dos negros da diáspora (NEVES, 1986, p. 172).

Para os povos africanos suas religiões não estão dissociadas do seu cotidiano, isto é, de suas vidas terrenas, *òrun* (mundo sobrenatural) e *àiyé* (mundo natural), *iyé* (vida) e *ikú* (morte) são, para nossos ancestrais negros, existências simultâneas e paralelas, determinando suas formas de pensar e agir, desconhecidas, ocultas e/ou dissimuladas para os “senhores brancos”. Contudo, as religiões, mais uma vez, como em África, aqui no Brasil serão o centro da vida desses povos, o objetivo e a razão nuclear para resistir e viver, a despeito de todas as adversidades.

As religiões de matrizes africanas, nesses contextos funcionavam para além da fé, também como elemento facilitador do reagrupamento dos diversos grupos étnicos aqui presentes e como elemento capaz de promover a interação dos variados credos dos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

povos oriundos das diferentes regiões africanas, de onde viviam.

Os indivíduos que logravam sucesso nas fugas, longe de seus opressores e perseguidores, reorganizavam-se em núcleos sócio-políticos de resistência, a exemplo dos quilombos, levando consigo crenças, que em tais espaços sem a supervisão e censura repressiva dos “senhores brancos”, renovava suas forças, seus votos de fé e seus ideais de liberdade civil-religiosa. Era também, nos poucos momentos de celebrações, permitidos pelos senhores escravistas, nos espaços dos terreiros ou mesmo nas senzalas, que os negros podiam unir-se, abandonando antigas rixas e intolerâncias oriundas de suas diferenças étnicas, culturais, lingüísticas e religiosas, para esboçar a construção de um modelo religioso que no futuro ganharia consistência e adesão por parte da grande maioria dos africanos no Brasil, bem como os indígenas brasileiros e muito mais tarde por outros segmentos não negros da sociedade brasileira.

Tais permissões, porém, tinham o intuito de acirrar ainda mais as divergências e rivalidades entre os diversos grupos étnicos ali presentes. Contudo, o “tiro saiu pela culatra”, ao invés de causar disputas, as celebrações religiosas despertavam, cada vez mais, a consciência e os sentimentos comuns compartilhados por eles em tais condições, bem como possibilitavam rememoração dos ancestrais, da fé e dos seus valores civilizatórios. A religião, desse modo, colaborou como fator de união e sentimento comuns, como também na luta contra a escravidão. “As religiões afro-americanas foram ponto de agrupamento, elemento de organização e fontes de proteção e orientação do africano na diáspora, na luta contra o sistema escravista e os sistemas subseqüentes” (NEVES, 1986, p. 172).

Esse “exercício de fé” foi e é o “cimento” que daria sentido e direção a outras formas de resistência, a despeito de toda repressão e punição severa, ainda assim, muitos escravizados ousavam de diversas formas desafiar a imposta autoridade dos “senhores” e as leis do próprio sistema escravista. A fé dos escravizados era por demais significativa, pois, arrancados de suas terras mães, desgarrados de suas famílias, parentelas, de todos os seus bens materiais e imateriais, suas posições sociais, e igualmente impedidos de constituir novos laços familiares e afetivos permanentes, foi sustentados por ela, que tais indivíduos lutaram para construir novos laços de companheirismos e novas redes de solidariedades e assistências mútuas, as quais eles procuravam ampliar cada vez mais na medida das possibilidades. Suas religiões se



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

destacaram como aglutinadoras desses laços, que tem proporcionado aos seus membros, alento, proteção, objetivos e interesses comuns frente às novas vicissitudes.

### 1.3. Religiões de Matrizes Africanas – Noções de Fé e de Leituras de Mundo

As religiões de matrizes africanas, no Brasil, são adaptações, interações e reinvenções das diversas formas de crer dos povos africanos para cá trazidos. Elas se configuram como modelos, antropológicos, sociológicos, filosóficos e essencialmente religiosos, representativos das bases civilizatório-africanas que alterou, com intensa complexidade, a sociedade brasileira, embora, muito pouco obteve ao longo dos malogrados séculos tratamento justo, coerente, ou mesmo um lugar de respeito, não só por parte da “sociedade elitista brasileira” que sempre as perseguiu, com intuito de banilhas definitivamente do solo brasileiro, como também por parte de uma gama de “intelectuais” e escritores que optaram por pesquisá-las, em sua maioria, impregnados e de preconceitos.

Com visão “desde dentro<sup>1</sup>” sobre as nossas formas de crer, Makota Valdina Pinto<sup>2</sup> (1996) afirma que:

As formas de que se valem os africanos tradicionais para explicar, para expressar o que pensa, o que sente em relação ao sobrenatural são diversas: provérbios, lendas, mitos, narrações, até mesmo fatos, acontecimentos da própria vida, uma vez que a forma de religiosidade tradicional africana não é dissociada dos contextos da vida. Mundo natural, físico e mundo sobrenatural coexistem, interagem, se interrelacionam. A natureza com os seus elementos e fenômenos constitui a essência das religiões tradicionais africanas e afro-brasileiras, uma vez que é criação do Ser iniciado, preexistente, completo em si mesmo, com capacidade de dar a vida a tudo por si criado (PINTO, 1996, p. 7-8).

As formas peculiares de crer expressas pelos povos negros por razões históricas, receberam aqui diversos nomes, sendo o termo Candomblé (RODRIGUES, 2008; VERGER, 1997), empregado, indiscriminadamente, para se referir às manifestações de

---

<sup>1</sup>“Desde dentro” é uma (re) elaboração de Luz (2000) a partir da concepção de Mãe Senhora, *Ôsun Muiwa*, quando utilizava a expressão “da porteira para dentro, da porteira para fora”. Tal expressão refere-se ao *locus* de enunciação, ou seja, o lugar de onde o sujeito pronuncia seu discurso, revelando também sua intenção político-ideológica.

<sup>2</sup> *Makota* da Comunidade-terreiro Terreiro Tanuri Junsara. É, ainda, educadora e conselheira ‘mor’ da Cidade de Salvador, convidada a avaliar plataformas de governo, campanhas eleitorais e mandatos parlamentares, ou ONG’s e eventos em defesa das tradições de origem africana e do Meio Ambiente. Orienta, também, grupos do Movimento Negro e sistematiza propostas educacionais que dêem conta da diversidade cultural da cidade. Disponível em: <http://www.bahiaja.com.br/noticia.php?idNoticia=31461>. Acesso em 07/06/2011.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

fé dos diversos povos africanos. Carneiro (1967), um dos primeiros a escrever sistematicamente sobre o tema, registra o que diziam os nossos mais velhos:

[...] Com efeito, candomblé macumba, xangô, pará, babaçuê, tambor não seriam designações de cultos diferentes? [...] O foco de irradiação do modelo foi a Bahia, com focos menores em Pernambuco e no Maranhão, nesta ordem. [...] Teremos de atribuir à escravidão, talvez com justiça, o não haver um nome genérico, africano, para designar todos os cultos. [...] (CARNEIRO, 1967, p. 11. *grifo do autor*).

As religiões de matrizes africanas, embora, sejam mantenedoras das tradições africanas, elas se adaptam e readaptam aos/nos contextos sócio-históricos. Por isso, se tornam cada vez mais fatores indispensáveis para a compreensão da história da trajetória dos povos negros no Brasil. Assim, além de terem atuado como eixo comum das celebrações religiosas tornando-se elemento unificador dos diversos grupos étnicos, foi e é também elemento preservador das memórias e histórias dos povos africano-brasileiros nas suas elaborações interétnicas para superação dos enormes obstáculos e dos sofrimentos impostos pelo perverso sistema escravista, como também, memórias das tradições religiosas dos povos negros que se encontram preservados nas comunidades-terreiro espalhados por quase, senão por todo território brasileiro.

## **2. RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS: INSTITUIÇÕES DE REELABORAÇÕES DA IDENTIDADE AFRICANO-BRASILEIRA**

As religiões de matrizes africanas são religiões de afirmação e (re) afirmação das identidades dos povos negros no Brasil, frente a sua sociedade inquestionavelmente preconceituosa e racista que valoriza apenas identidades, representativas dos povos de “valores brancos”, insistentemente, adotadas como padrões e referências em todos os aspectos, por isso, devem ser imitadas, em detrimento de quaisquer outras formas ou manifestações de identidades aqui presentes.

Então, desde a chegada dos primeiros povos de negros no Brasil até culminar com o fim do tráfico clandestino, estes eram, intencionalmente, considerados sem “identidade”, não importava de onde tinham sido tirados, a que grupo étnico pertenciam, nem mesmo que línguas falavam. Eram “ninguém”, mercadorias prontas para receberem uma nomeação (batismo cristão) que nada diziam sobre eles, pelo



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

contrário, sufocava e camuflava suas verdadeiras identidades. Eram trazidos, expostos e vendidos para exercerem funções para as quais deveriam inquestionavelmente, se enquadrarem e desempenhá-las bem.

Foi assim, por muito tempo, até que a religião e suas formas de resistência foram às duras penas alterando o olhar que se lhes davam, obrigando o “dominador”, a admitir a existência e co-existência de uma diversidade de seres humanos, sujeitos, etnicamente cômicos de suas identidades individuais e coletivas, de sua fé e seu peculiar modo de professá-la. Desse modo, as religiões de matrizes africanas foram para os povos negros, fé e simultaneamente elemento singular de identidade e de validação de suas tradições e culturas. Elas têm contribuído, ininterruptamente, na elaboração e re-elaboração das identidades subjetivas (eu/pessoa/indivíduo), elevando a auto-estima do sujeito negro, como também na construção/reconstrução de suas identidades coletivas (eu/nós/eles), isto é, grupo de pertença com peculiaridades e valores frente a outros grupos e ao grupo, ora, hegemônico. Verger (2000) declara que em sua concepção as religiões de matrizes africanas são muito interessantes por exaltar a personalidade das pessoas, oportunizando-as serem verdadeiramente como são e não como a sociedade pretende que sejam. No seu entender, para as pessoas que têm algo a expressar através do inconsciente, o transe é a possibilidade desse inconsciente se mostrar.

É através, da sua religião que o indivíduo sai do anonimato, da invisibilidade, da situação de subalternidade para ser alguém, indivíduo com altivez e dignidade, com um nome próprio, uma origem, um grupo de pertença. As religiões de bases africanas exaltam o indivíduo, elevando seu amor próprio, antídoto para a superação da dor imposta ao corpo e à alma (dor psicológica da negação de ser gente e de todos os demais direitos) para, com suas mentes (*orí*) e corpos (*ara*) serem reis, rainhas, sacerdotes, ministros, entre outras elevadas posições sociais, capazes de reestruturarem suas identidades e construírem e reconstruírem suas próprias histórias.

O papel da mãe-de-santo facilita a preservação da identidade negra, porque o negro escravo veio para o Brasil apenas com a sua vida, muitos eram nobres, pais de família, altos comerciantes na África, e, ao chegarem, perderam suas identidades, religião e muitos perderam o nome. Apesar da repressão, cada negro retomou a sua identidade. Naquele momento, já era mais fácil existirem cultos independentes, cada um com o seu nome próprio, na língua africana e foi por isso que no candomblé há cargos, postos como a yakekerê que é a mãe pequena que é associada a saber lidar com os animais, conhecer



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

os cantos. Assim, o candomblé é uma resistência para que o negro reafirmasse sua identidade (MÃE STELLA *apud* JOAQUIM, 2001, p. 26)

Em relação a isso, Loureiro afirma que “O conceito de identidade está originalmente relacionado ao fato de um indivíduo construir a sua própria história. [...] A identidade passa a ser articulada a interação, autonomia e processos sociais”. (LOUREIRO, 2004, p. 49). Ainda segundo Loureiro (2004, p. 51): “A identidade, conforme a concebemos, envolve a relação de aspectos subjetivos, sociais e históricos e está em constante construção”. Então, ela não é estática, nem dissociada, pelo contrário, é intensamente dinâmica e cumulativa, com várias etapas de recuos e avanços, tomadas e retomadas e adição de novos valores. “A identidade nunca é estabelecida como uma realização, na forma de uma armadura da personalidade ou de qualquer outra coisa estática e imutável, é um processo em permanente construção” (LOUREIRO, 2004, p. 51).

A despeito da insistente negação das origens, nomes e separação dos seus grupos de pertença e suas famílias, os povos negros sabiam de onde tinham vindo e quem eles eram, contudo, não lhes fizeram saber para onde seriam levados nem dos seus direitos à liberdade. Deram-lhes quaisquer nomes, quaisquer origens, com intenção de apagar definitivamente suas identidades. Assim, no que tange a construção da identidade, aspectos como *arkhé*<sup>3</sup>, ancestralidade, grupo de pertença, família, nossas raízes, nossas memórias, individuais e coletivas, que nos orientam e nos anunciam como pessoas e como sujeitos no mundo, com uma origem, um legado, uma história que existem bem antes de nós, nos atravessam e se projetam para muito além de nós mesmos, entre outros valores, são fundamentais. A perda ou abandono de tais valores e princípios, é perder-se, sem as noções de quem se é como pessoa e sujeito, com seu lugar no mundo e a consciência de sua origem, ou seja, é desconhecer de onde vem e não saber para onde vai.

## 2.1. As Nações Religiosas Reafirmando as Identidades dos Povos Negros

As religiões de matrizes africanas desempenham papéis fundamentais na

---

<sup>3</sup> *Arkhé* são princípios inaugurais, o lastro, a base que dá propulsão e força, sentido e direção à presença de uma civilização, como também é capaz de promover a construção de um futuro, pela recriação da experiência. Ela não se limita a uma volta ao passado, antiguidade e anterioridade, mas sim dá sentido de origem, princípio, começo (LUZ, 2000, p. 20).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

construção/reconstrução e elaboração/reelaboração das identidades dos diversos povos negros no Brasil. Pois, elas recuperam os respectivos nomes africanos (fator deveras significativo em qualquer cultura), através, dos ritos de iniciação que são publicizados no chamado “Dia do Nome” ou *orúkò* (nação *nàgó/kétu*), *hùnyi* (nação *jeje/nàgó*) e *dijina* (nação *kongo/ngola*), reafirmando, dessa forma as respectivas identidades ontológicas ancestrais. Este dia é deveras significativo e rico de representações e simbologias, pois, é um importante marco na vida não só do indivíduo, como também daquela comunidade e de todas as demais, independentemente da nação religiosa.

As religiões recuperam também os grupos de pertença, preservados e reelaborados nos diversos desdobramentos das nossas religiões, ressignificando o conceito de “nações”, trazendo de volta a revalidação das origens étnicas dos negros em solo brasileiro, embora o sentido que aqui é dado à palavra nação não seja idêntico ao sentido de nação como espaço sócio-político-cultural, administrado por um Estado, mas sim, o de conceituar as diversas formas originais, contudo, mescladas de sentir e expressar suas crenças. Assim, o sentido semântico dado à palavra nação, se presta para descrever as religiões de origens do *Kongo/Ngola*, *Nàgó/kétu* e *Jeje/nàgó* englobando os mais variados grupos étnicos.

A religião de nação *Kongo/Ngola* caracteriza os grupos trazidos do Antigo Reino do Congo e de Angola como os Kongos, os Ambundos, os Bakongos. Quanto à nação *Jeje/nàgó*, esta engloba povos das seguintes etnias: Mandigas, Fantis, Ashantis, Minas, Fon, Mahis, Anexô Savalu, Boalama etc. Tais grupos falavam várias línguas do tronco *fon-ewe* tais como: *ewe*, *fon*, *gun*, *mahi*, *mina*, etc. Já a nação chamada *Nàgó/kétu* foi formada pelos povos oriundos da atual Nigéria e do Benim (cidade de *Kétu*), que passam a serem conhecidos, como povos *yorùbá* (iorubás), a partir do século XIX (VERGER, 1997). Embarcados no Golfo do Benim ou saídos de Lagos (Nigéria), esta nação engloba as etnias: *haussa*, *grunci*, *nagô*, *queto*, *oyó*, *ijebu*, *ibô*, *tapa*, *fante axante*. Estes falam línguas como *haussa*, *nagô*, *iorubá* e seus dialetos entre outras, presentes em nosso solo.

As religiões de matrizes africanas através de suas comunidades-terreiro também desempenham relevante importância na construção e reelaboração das identidades pessoais e coletivas dos povos negros, no que se refere à identificação de cada indivíduo com o respectivo arquétipo de seu *Òrìṣà*, *Vodun*, *Nkisi* ou mesmo



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

ancestral familiar, influenciando também no modo de ser e estar no mundo, bem como a leitura que esse faz do mesmo.

### **3. RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS: TERRITÓRIOS DE AFIRMAÇÃO DA ANCESTRALIDADE**

Ancestralidade na concepção das sociedades tradicionais africanas não diz respeito apenas um extenso grupo de indivíduos com laços de parentesco consangüíneos, pai, mãe, filhos, irmãos, primos, tios, tias avôs avós, etc., mas, a todos aqueles que constituem uma *ègbé* (comunidade, sociedade) pequena ou grande, que habita em um determinado espaço de terra, compartilhando interesses comuns.

Conceituar ancestralidade implica muito mais que decodificar o significado da palavra ou mesmo sua etimologia. Implica em assegurar seus sentidos históricos, sociais, políticos e também imateriais, a exemplo, do universo sagrado e material e imaterial. Para Ferreira (2001, p. 49) “Ancestral: relativo a antecessores, a antepassados; indivíduo do qual descendem outros indivíduos ou grupos; antecessor, antepassado”.

Munanga (1994) amplia bastante esse entendimento quanto à ancestralidade ao trazer o sentido que se lhe atribuem às sociedades africanas. Ele afirma que na concepção de tais sociedades, o clã, a linhagem, a família, a etnia são uniões dos vivos e mortos. Entre os mortos há defuntos comuns e ancestrais. Estes últimos são os mortos que durante a vida tiveram uma posição social destacada, um rei, um chefe de etnia, um fundador de um clã, etc. Origem da vida e de prosperidade, ponto fixo de referência, o ancestral está sempre presente na memória de seus descendentes através do culto que deles recebe. São representados materialmente por estátuas, pedras, água e outros monumentos, ou por elementos imateriais, de acordo com a diversidade africana.

A ancestralidade é fator preponderante na concepção de identidade que o sujeito constrói ao longo do tempo de sua existência sobre si mesmo e os seus afins e aprende a afirmá-la e afirmar-se frente a sua alteridade.

Com palavras ligeiramente próximas e sentidos semelhantes às afirmações de Munanga (1994), Souza (2003), aborda a ancestralidade enfocando novos aspectos.

Para os povos africanos e seus descendentes, a ancestralidade ocupa um lugar especial, tendo posição de destaque no conjunto de valores de mundo.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Vincula-se à categoria de memória, ao contínuo civilizatório africano que chegou aos dias atuais irradiando energia mítica e sagrada. Integrantes do mundo invisível, os ancestrais orientam e sustentam os avanços coletivos da comunidade. A ancestralidade redefine a alegria de partilhar um espaço rodeado de práticas civilizatórias e o viver de nossos antepassados, conduzindo para um processo de mudanças e enriquecimento individual e coletivo em que o sentimento e a paixão estão sintonizados com o ser e o comportamento das pessoas. A ancestralidade remete aos mortos veneráveis sejam os da família extensa, da aldeia, do quilombo, da cidade, do reino ou império, e à reverência às forças cósmicas que governam o universo, a natureza (SOUZA, 2003, s/p).

A experiência do *religere* aos seus ancestrais humanos e divinizados, às suas histórias seculares e míticas, aos seus legados materiais e imateriais, faz com que, dessa forma o (a) recém-iniciado (a) e todos aqueles que compartilham dessa mesma dinâmica de fé, alcancem dimensões de entendimentos mais profundos sobre a vida, o mundo e sobre si mesmos (as) e, a partir dessas vivências, aprendem a afirmarem e reafirmarem suas identidades, com orgulho de si mesmos (as), por saberem quem são e quais suas origens e, por reencontrar em seus próprios lugares no mundo.

Os cultos de tradições africanas são fundamentalmente ligados à natureza por intermédio dos ancestrais que constituem um complexo sistema, capaz de unir constante e ativamente, mortos e vivos, concomitantemente, como uma grande família, com fortes laços de solidariedade permanentes.

A noção de *Òrìṣà, Vodun e Nkisi* e conseqüentemente seus cultos, estão ligados ao sentido de família, em outras palavras, *Òrìṣà, Vodun e Nkisi* são tradições de família. Como diz Mãe Stella, *Ìyálórìṣà* da comunidade-terreiro *Ilé Àṣe Òpó Àfònjá*, todo terreiro constitui-se em princípio uma família, posto que é uma família espiritual. Este tem como elo maior, que une a todos, a busca de contatos com os elementos que sustentam, nutrem a vida de todos os seres vivos, sejam as forças dos ventos, do fogo, das matas, da terra, das pedras, das águas, etc. Ela afirma: “Os orixás são simbolizados pelas forças naturais, que são coisas que não têm sexo”.

*Òrìṣà* é um princípio, ancestral sagrado que realizou grandes feitos, em um passado remoto, lhe assegurando o controle sobre as forças da natureza, e que em vida, estabeleceu fortes vínculos com os seus descendentes, podendo se fazer presente entre nós. Assim as religiões de matrizes africanas se constituem como territorialidade de reafirmação de identidade/alteridade negra no Brasil na medida em que lhes proporciona a possibilidade de vivenciar de maneira concreta sua dinâmica civilizatória,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

recebida dos ancestrais que para cá trouxeram-na em suas memórias e em suas almas, recriando-as e se estabelecendo nesses novos espaços. Elas, aqui são entendidas como espaços materiais e/ou imateriais de recriações das tradições, culturas, religiosidades e *modus vivendi* e *modus operandi* de um povo que concebe a si mesmo, como um grupo coeso, que partilha laços e interesses comuns. “A territorialidade pode ser concebida como os espaços de práticas culturais nas quais se criam mecanismos identitários de representação a partir da memória coletiva, das suas singularidades culturais” (SOUZA; SOUZA, 2000 *apud* RIBEIRO, 2000, p. 22).

Ferreira Santos (2005, p. 213), nos diz ainda: “Temos com esta ancestralidade uma relação de endividamento na medida em que somos o futuro que este passado possuía e nos cabe atualizar as suas energias mobilizadoras e fundadoras” e se assim o é, é de fundamental importância que se perpetue essa história de luta e de conquista iniciada pelos que nos antecederam. Para ele: “nossa dívida com a ancestralidade é sermos nós mesmos”. Então as religiões e línguas dos *Òrìsà*, *Vodun* e *Nkisi* representam o grande mote para se adentrar e se aprofundar nos mistérios e ao universo do sagrado, de conhecê-los e como também para perpetuá-los, assim como, desvendar e preencher vazias lacunas de nossas histórias pessoais e coletivas que o malgrado e perverso processo social nos usurpou, subtraindo nossa negra história.

#### **4. AS COMUNIDADES-TERREIRO: GESTADORAS DOS EMBRIÕES DOS MOVIMENTOS NEGROS E MOVIMENTOS ETICO-ESTÉTICO E CULTURAIS EM SALVADOR**

As comunidades-terreiro como espaço físico representa as memórias vivas, por assim dizer, museu dinâmico de acervos tangíveis e intangíveis de obras, ambientes ecológicos e valores humanos. Funciona como um centro de radiação de tradições e costumes africano-brasileiros numa relação de equilíbrio entre a preservação do passado e a adaptação ao presente, entre os valores do mundo intra e extra-muros em articulação com as populações locais, que se estende num âmbito maior, isto é, para muito além do bairro onde a comunidade-terreiro esteja localizada. Mãe Senhora, *Òsun Muiwa*, Maria Bibiana do Espírito Santo, terceira *Ìyálórìsà* da comunidade-terreiro *Ilé Òpó Àfònjá*, com grande sabedoria, criou a expressão “da porteira para dentro, da porteira para fora”,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

que se tornou uma categoria para referir-se aos marcos territoriais e simbólicos bem como os valores reais e metafóricos que coexistem, interagem e se interpolam, dentro e fora das comunidades-terreiro.

Os Terreiros modelam a natureza dos bairros nos quais estão inseridos, dando-lhes características próprias e peculiares, como por exemplo, o bairro da Liberdade, Engenho Velho de Brotas, Engenho Velho de Federação, Rio Vermelho, Cabula, São Gonçalo do Retiro, etc, e isso só para citar a cidade do Salvador no Estado da Bahia, pois, se isso ocorreu aqui, seguramente também ocorreu em vários outros Estados pelo Brasil afora.

Os bairros acima mencionados são representativos de várias lideranças religiosas, políticas e sociais de terreiro que saltam para além de suas porteiras, gerando sujeitos cômicos e capazes de valorizar e reivindicar seus legados sócio, político-culturais no âmbito da sociedade civil, estruturando e organizando-se como movimento legal e reivindicatório do direito à alteridade negra, bem como, a todos os benefícios inerentes a concepção de cidadania outorgada e sustentada pelo Estado brasileiro. Dessa forma, se fizermos uma reflexão recuando um pouco no tempo, veremos que a grande maioria das lideranças, bem como, componentes dos movimentos negros surgiram, nasceram e/ou pertencem ou pertenceram às comunidades-terreiro.

Tanto as religiões de matrizes africanas, como os movimentos negros organizados são considerados fenômenos ligados aos negros, embora, consideremos suas diferenças e especificidades, eles em muito se assemelham.

Entendemos que os movimentos políticos, necessariamente vão tomar um rumo, muitas vezes, diferenciados dos rumos tomados pelos processos religiosos, pois, o anterior estará focado na sua proposta fundamental de bases político-reivindicatória.

Enfim, as comunidades-terreiro são também concebidas como territorialidades, conforme afirmamos acima, gestadoras, não só dos primeiros embriões, que deram sentido e forma aos movimentos negros, como demais movimentos e formas de insurgências, sejam elas no campo artístico (em variadas modalidades), nas formas musicais, influenciando todo território nacional e ético-estéticas, propondo novas possibilidades para a estética do povo negro, desafiando os valores impostos pela estética hegemônica, dentre outras. A título de ilustração temos: A Senzala do Barro Preto no Curuzu em que funciona tanto a sede do Ilê Aiye, como o Terreiro de Mãe



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Hilda, A Escola Eugênia Anna no *Ilé Àse Òpó Àfònjá*, O Malê de Bale em Itapoã, só para citar alguns dentre muitos existentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos através de artigo apresentar um enfoque coerente para com a veracidade dos fatos históricos em relação às religiões de matrizes africanas e a história dos povos negros no Brasil, ao tempo que procuramos também abrir cada vez mais espaços para que novos sujeitos possam falar sobre si mesmos, provocando um outro olhar, sobre o que foi escrito, re-valorizando, sobretudo, os depoimentos daqueles que descendem direta ou indiretamente dos ancestrais fundadores das tradições religiosas e desses legados culturais, e que vivenciam “visceralmente” esta complexa e dinâmica forma de crer, pensar e estar no mundo, de relacionar-se com a Divindade, com seus pares humanos e com a natureza, tomando por princípio fundamental o auto-conhecimento e o conhecimento do mundo físico e espiritual.

Assim sendo, é preciso que se dê aos descendentes dos diversos povos africanos no Brasil, lugar de sujeitos protagonistas de seus processos históricos, culturais e religiosos, para que eles próprios possam contar suas histórias, e não mais ouvi-las, tão somente, contadas por “outros”, que insistem em vê-los apenas como objeto das ciências.

Então, apesar de todas as estratégias para “coisificação” dos povos negros, esses, nunca perderam seus referenciais ou mesmo esqueceram seus costumes, suas tradições, suas línguas e credos, ou seja, nunca perderam de si mesmos suas almas africanas.

Embora, queiram de todas as formas, negar, a nossa identidade nacional, se destaca pelos vários processos culturais que são irradiados principalmente pelas religiões de matrizes africanas, que aqui expandiram valores civilizatórios como “fontes” radiadoras de referências, resistências e sentido do existir e continuar existindo, mesmo após a “forçada” ruptura para com seu mundo concreto e mítico ancestral.

Sabemos que o tema e suas discussões levantadas estão longe de serem esgotados, pois, são temáticas complexas e delicadas de serem tratadas. Seria incoerente, nesse pequeno ensaio, fazer maiores aprofundamentos e levantamento de questões de cunho teórico-científico de maior profundidade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Contudo, acreditamos que o estudo e conhecimento por parte dos africano-brasileiros da sua história (história de seu povo), de sua cultura, civilização, crença e línguas, contribuirão, sobremaneira, na busca/recuperação de sua ancestralidade negra, auxiliando assim, a reconstrução de suas identidades que indiscutivelmente culminam também na inevitável recuperação e reconstrução de nossa história.

## REFERÊNCIAS:

COUTO, João Gilberto Parenti. **Operação senzala**. Belo Horizonte: Mazza, 2004.

**ENCONTRO DE NAÇÕES DE CANCOMBLÉ**. Anais. – Salvador: Centro de Estudos Afro-Oriental (CEAO) - UFBA, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

LOUREIRO, Stefânie Arca Garrido. **Identidade étnica em re-construção**. A ressignificação da identidade étnica de adolescentes negros em dinâmica de grupo, na perspectiva existencial humanista. Belo Horizonte: O Lutador, 2004.

MUNANGA, Kabengele. “Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos ante-racista no Brasil”. In: SPINK, Mary, Jame Paris (Org.). **A cidadania em construção**. São Paulo: Cortez, 1994.

NOVAES, Silvia Caiuby. **Jogo de espelhos**. São Paulo: EDUSP, 1993.

OLIVEIRA, Eduardo. **Cosmovisão Africana no Brasil**: elementos para uma filosofia afrodescendente. Fortaleza: LCR, Ib ece 2003.

FERREIRA SANTOS, Marcos Ferreira. “Ancestralidade e convivência no processo identitário: a dor do espinho e a arte da paixão entre Karabá e Kiriku”. In: **Educação anti-racista**: caminhos abertos pela Lei Federal 10.639/03. SECAD. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SOUZA, Edileusa Penha de. **Tamborizar**: história e afirmação da auto-estima das crianças e adolescentes negros e negras através dos tambores de congo. São Paulo: Concurso Negro Educação, 2003.